



BACHARELADO EM PSICOLOGIA

LUANA DOS SANTOS SILVA

**A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR PARA REPRODUÇÃO
DO *BULLYING* NA EDUCAÇÃO BÁSICA: desvelando os impactos
psicossociais da violência dentro de uma escola do interior da Bahia**

**Conceição do Coité – BA
2023**

LUANA DOS SANTOS SILVA

**A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR PARA REPRODUÇÃO
DO *BULLYING* NA EDUCAÇÃO BÁSICA: desvelando os impactos
psicossociais da violência dentro de uma escola do interior da Bahia**

Artigo científico submetido como Trabalho de Conclusão de Curso, para o curso de Bacharelado em Psicologia, para a Faculdade da Região Sisaleira.

Orientador: Prof. Rafael Lima Bispo.

Coorientador: Me. Alexandre Marcelo Hintz.

**Conceição do Coité – BA
2023**

Ficha Catalográfica elaborada por:
Carmen Lúcia Santiago de Queiroz – Bibliotecária
CRB: 5/001222

S596 Silva, Luana dos Santos
A influência do contexto familiar para reprodução do
Bullying na educação básica: desvelando os impactos
psicossociais da violência dentro de uma escola do interior da
Bahia./Luana dos Santos Silva. – Conceição do Coité:
FARESI,2023.
37f.il.;color.

Orientador: Prof. Rafael Lima Brito.
Artigo científico (bacharel) em Psicologia. – Faculdade da
Região Sisaleira (FARESI). Conceição do Coité, 2023.

1 Psicologia. 2 Bullying. 3 Violência Intrafamiliar. 4
Adolescente Escolar. I Faculdade da Região Sisaleira –
FARESI.II Brito, Rafael Lima. III Título.

CDD:150

LUANA DOS SANTOS SILVA

**A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR PARA REPRODUÇÃO
DO *BULLYING* NA EDUCAÇÃO BÁSICA: desvelando os impactos
psicossociais da violência dentro de uma escola do interior da Bahia**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, pela Faculdade da Região Sisaleira.

Aprovado em 20 de junho de 2023.

Banca Examinadora:

Alexandre Marcelo Hintz / brahintz@gmail.com

Márcia Daiane Silva dos Santos / marcia.daiane@faresi.edu.br

Rafael Lima Bispo / rafael.bispo@faresi.edu.br

Rafael Reis Bacelar Antón/ rafael.anton@faresi.edu.br



Rafael Reis Bacelar Antón
Presidente da banca examinadora
Coordenação de TCC – FARESI

**Conceição do Coité – BA
2023**

A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR PARA REPRODUÇÃO DO *BULLYING* NA EDUCAÇÃO BÁSICA: desvelando os impactos psicossociais da violência dentro de uma escola do interior da Bahia

Luana dos Santos Silva¹

Rafael Lima Bispo²

Alexandre Marcelo Hintz³

RESUMO

A violência intrafamiliar é composta por ações ou omissões que resultam de forma prejudicial para o bem-estar da vítima, afeta a sua integridade física, psicológica, sua liberdade e ainda o direito ao pleno desenvolvimento. Enquanto o *bullying* é uma palavra de origem inglesa, e relaciona-se a comportamentos violentos dentro ou fora do âmbito escolar. São diversos os fatores que contribuem para que um adolescente se torne praticante do *bullying*, um desses são os maus tratos sofridos pela família. O *bullying* pode afetar todos os envolvidos, principalmente as vítimas. O presente trabalho teve como objetivo principal analisar como a violência intrafamiliar contribui para a ocorrência do *bullying* escolar em adolescentes de uma escola pública de um município da região sisaleira na Bahia. Especificamente buscou-se retratar o *bullying* e a violência intrafamiliar; descrever os efeitos negativos dessa relação para a vida do sujeito e ainda, identificar as consequências dessa vertente para o ambiente escolar e para a família. Este estudo trata-se de uma pesquisa de abordagem quantitativa de cunho descritivo, exploratória e pesquisa de campo com delineamento transversal. A pesquisa foi composta por 17 alunos de ambos os sexos, com idades entre 13 e 18 anos, devidamente matriculados no oitavo ano de uma escola da rede pública de ensino fundamental, localizada numa cidade da região sisaleira na Bahia. Foi possível perceber que a violência vivenciada por adolescentes no ambiente familiar, tende a oportunizar maior envolvimento do escolar em atos de violência na escola. Os resultados encontrados através da escala foram contra o que se encontra na literatura pesquisada, uma explicação para não encontrar resultados negativos dessa associação, tais como deste estudo, é a seleção que os periódicos científicos fazem a respeito de associações positivas entre um evento e seu desfecho, porém, não se descarta a associação entre violência intrafamiliar e *bullying*. Sendo o *bullying* um grande gerador de evasão escolar, que engloba tanto a vítima quanto o agressor, visto que muitas vezes, este será expulso da escola ao praticar violência, quando em relação ao agressor, ou ainda, a perda de interesse por estudar, assim sendo, torna-se um impasse para o pesquisador, onde há uma impossibilidade, em grande maioria, em abordar vítimas e agressores de *bullying* escolar ou ainda, em detectar causas

¹ Discente do curso de Bacharelado em Psicologia. Faculdade da Região Sisaleira - FARESI. luana.silva@faresi.edu.br.

² Docente do curso de Psicologia e orientador – Psicólogo – CRP 03/20614. Faculdade da Região Sisaleira - FARESI. rafael.bispo@faresi.edu.br.

³ Coorientador e Psicólogo – CRP 03/18422 – Doutorando; Mestre em Saúde Coletiva (UEFS). brahintz@gmail.com.

antecedentes desta violência.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*; Violência Intrafamiliar; Adolescente Escolar.

ABSTRACT

Intrafamily violence is composed of actions or omissions that result in a harmful way for the well-being of the victim, affecting their physical and psychological integrity, their freedom and even their right to full development. While the word bullying is of English origin, and is related to violent behavior inside or outside the school environment. There are several factors that contribute to a teenager becoming a practitioner of bullying, one of these is the mistreatment suffered by the family. Bullying can affect everyone involved, particularly the victims. The main objective of this work was to analyze how intrafamily violence contributes to the occurrence of school bullying in adolescents from a public school in a municipality in the sisal region of Bahia. Specifically, we sought to portray bullying and intrafamily violence; describe the negative effects of this relationship on the subject's life and also identify the consequences of this aspect for the school environment and for the family. This study is a research with a quantitative approach, descriptive, exploratory and field research with cross-sectional design. The research consisted of 17 students of both sexes, aged between 13 and 18 years old, duly enrolled in the eighth year of a public elementary school, located in a city in the sisal region of Bahia. It was possible to perceive that the violence experienced by adolescents in the family environment tends to provide opportunities for greater involvement of the student in acts of violence at school. The results found through the scale were against what is found in the researched literature, an explanation for not finding negative results of this association, such as this study, is the selection that scientific journals make regarding positive associations between an event and its outcome, however, the association between intrafamily violence and bullying cannot be ruled out. As bullying is a major cause of school evasion, which encompasses both the victim and the aggressor, as he will often be expelled from school for practicing violence, when in relation to the aggressor, or even the loss of interest in studying, as well this being so, it becomes an impasse for the researcher, where there is an impossibility, in the great majority, to approach victims and aggressors of school bullying or even, to detect antecedent causes of this violence.

KEYWORDS: *Bullying*; Intrafamily Violence; School Adolescent.

*Sinto-me tão condenada por suas palavras,
Tão julgada e dispensada.
Antes de ir, preciso saber: foi isso que você quis dizer?
Antes que eu me levante em minha defesa,
Antes que eu fale com mágoa ou medo,
Antes que eu erga aquela muralha de palavras,
Responda: eu realmente ouvi isso?
Palavras são janelas ou são paredes.
Elas nos condenam ou nos libertam.
Quando eu falar e quando eu ouvir,
Que a luz do amor brilhe através de mim.
Há coisas que preciso dizer,
Coisas que significam muito para mim.
Se minhas palavras não forem claras,
Você me ajudará a me libertar?
Se pareci menosprezar você,
Se você sentiu que não me importei,
Tente escutar por entre as minhas palavras
Os sentimentos que compartilhamos.*

RUTH BEBERMEYE

1 CAMINHOS INTRODUTÓRIOS

Bullying é uma palavra de origem inglesa, no qual engloba comportamentos violentos no âmbito escolar, seja de meninos ou meninas; nota-se que este termo não costuma ser mencionado em uma visão ampla, com frequência, o que resulta em conhecimento escasso por parte de um grande público (SILVA, 2015). Piske *et al.* (2022) corroboram com o escrito anterior ao abordar que o *bullying* tem sido descrito como comportamentos violentos e antissociais que decorrem em ambientes de socialização.

Segundo Piske *et al.* (2022) a ambição daquele que pratica desse tipo de violência costuma ser a de assegurar sua dominação sobre o outro, numa violação simbólica, por meio de ações físicas, verbais e agressivas, repetitivas e permanentes sendo direcionadas contra seus alvos.

Neste conjunto de comportamentos diante desse fenômeno, evidencia-se agressões, assédios e ações desrespeitosas realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores; visto isso, entende-se que de forma quase “natural”, os “mais fortes” utilizam os “mais frágeis” como meros objetos de diversão, prazer e poder, na busca por maus tratos, intimidações, humilhação e amedrontamento das vítimas; perpetuando assim, muita dor e sofrimento nos vitimados (SILVA, 2015, p. 13).

Na Lei de Nº 13.185, de 6 de novembro de 2015 é instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional (BRASIL, 2015). Ainda no Art. 1º em § 1º pondera-se intimidação sistemática (*Bullying*) como todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, sendo realizado por um indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com a intenção de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015).

A Violência Intrafamiliar resume-se como forma de maus-tratos físicos, psicológicos, sexuais, econômicos ou patrimoniais, no qual, surte causando perdas de saúde ainda pouco dimensionadas; ao mencionar sobre a Violência Intrafamiliar, considera-se qualquer tipo de relação de abuso praticado no contexto privado da família contra qualquer um dos membros inseridos naquele ambiente (BRASIL, 2002).

Percebe-se que, este tipo de violência tem atingido uma grande parcela da população e reflete de maneira significativa sobre a saúde das pessoas a ela

submetida; compreendemos a família como um espaço de proteção e apoio, porém, esse ambiente vem se tornando em um lugar onde a agressão e violência são constantes (MACHADO *et al.*, 2014).

Um estudo realizado por Antunes, Machado e Malta (2020) mostrou que a prevalência de adolescentes, de 13 a 17 anos, que relataram agressão por adulto da família, foi de 13,3%, dos quais 5,7% disseram terem sofrido uma vez a violência intrafamiliar e 7,6% mais de uma vez este tipo de violência. Em relação aos que sofreram violência intrafamiliar mais de uma vez, estão adolescentes entre 13 e 15 anos de idade 8,6%, do sexo masculino 8,6%, que relataram insônia 13%, foram vítimas de *bullying* 20%, relataram uso de tabaco 21% e consumo de álcool 12,5% (ANTUNES; MACHADO; MALTA, 2020).

Justifica-se a escolha do tema, pela notoriedade de que até hoje, muitos percebem o *bullying* como “brincadeiras de mau gosto”, quando na verdade trata-se de um tipo de violência que pode se tornar gravíssima e muito prejudicial em qualquer idade. Apesar desse fenômeno gerar diversos impactos para a vida do indivíduo, seja este, vítima, agressor ou aquele que presencia o ato, é visível que esta vertente ainda é pouco discutida pela sociedade, além disso, pouco se encontra estudos recentes com envolvimento de pesquisa de campo, que fazem uma relação do *bullying* com causas antecedentes. Cabe ressaltar ainda, que em nossa cultura muito se utiliza de violência no ambiente familiar, como forma de educar e punir; torna-se “natural” esta atitude como forma de resolução de conflitos, porém, essas vivências podem contribuir para que a criança e/ou adolescente torne-se praticante do *bullying*.

Assim sendo, a presente pesquisa torna-se relevante pelo fato de trazer aos leitores uma realidade que nos últimos anos tem causado alarme entre a população; a minha motivação para pesquisar a respeito dessa vertente, é pelo fato que na literatura virtual pouco se faz uma relação entre violência intrafamiliar e *bullying* envolvendo pesquisas de campo; o que leva em muitos casos, esse ser um tema de conhecimento escasso de modo geral e em grau acentuado por parte dos pais e da equipe escolar, tornando em uma carência de explanação dessa variável, visto que o apoio da família e da escola é indispensável.

A partir do que foi citado anteriormente e tendo em vista uma análise das possíveis causas da construção do *bullying*, visto que são diversas, emergiu um problema a ser pesquisado: como a violência sucedida no ambiente familiar pode influenciar na prática do *bullying* dentro da escola?

Mediante o exposto, para discorrer acerca desse tema, teve-se como objetivo geral analisar como a violência intrafamiliar contribui para a ocorrência do *bullying* escolar em adolescentes de uma escola pública de um município da região sisaleira na Bahia. Especificamente buscou-se retratar o *bullying* e a violência intrafamiliar; descrever os efeitos negativos dessa relação para a vida do sujeito e identificar as consequências dessa vertente para o ambiente escolar e para a família.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1 VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

A respeito da violência intrafamiliar contra a criança e/ou adolescente, Ramos e Silva (2011) ressaltam que esta apresenta-se como uma realidade dolorosa ao revelar os maus-tratos praticados por membros familiares. Expõem ainda que a violência intrafamiliar costuma trazer prejuízos em curto, médio e a longo prazo, sendo estas consequências de ordem tanto física quanto psicossocial, podendo ser devastadores, visto que as experiências vivenciadas durante a infância e/ou adolescência, tendem a influenciar na vida adulta (RAMOS; SILVA, 2011).

A violência intrafamiliar é composta por ações ou omissões que resultam de forma prejudicial para o bem-estar da vítima, afeta a sua integridade física, psicológica, sua liberdade e ainda o direito ao pleno desenvolvimento; o seu conceito não se direciona apenas ao espaço físico onde a violência é sucedida, logo, a violência intrafamiliar é praticada por algum membro da família, inclui-se pessoas que assumem função parental, ainda que sem laços consanguíneos, exercendo assim uma relação de poder (BRASIL, 2002).

Ao mencionar sobre as perdas sociais e de saúde, ao tratar sobre a violência intrafamiliar, a prevalência significativa desta violência têm constituído sérios problemas de saúde, além de um grave obstáculo para o desenvolvimento social e econômico e uma flagrante violação aos direitos humanos daqueles que a vivenciam; ainda se leva em consideração, que os serviços de saúde apresentam dificuldade para diagnosticar e registrar os casos de violência intrafamiliar, o que torna-a em um tipo de violência, muitas vezes, velado (BRASIL, 2002).

Em vista disso, de acordo com Reichenheim *et al.* (2011) as pesquisas no Brasil têm exposto que as consequências da violência na infância para a saúde das vítimas, podem refletir em diferentes aspectos do crescimento e desenvolvimento, no qual,

tende a se estender até a vida adulta. “Os efeitos de traumas físicos tendem a deixar marcas visíveis na pele e no sistema musculoesquelético” (REICHENHEIM *et al.*, 2011, p. 80).

Em estudos realizados por Brino e Souza (2016), expõem acerca da escassez de preparos por grande parte dos profissionais, seja da área educacional ou da saúde, para lidar com a gama de casos de violência intrafamiliar, no qual, a falta de conhecimento, resulta em uma compreensão equivocada a respeito da problemática, o que procede em observar os atos violentos como parte do ciclo intergeracional e da dinâmica familiar, e ainda a punição física, considerada violência, tem sido defendida no cotidiano como medida educativa.

2.2 FENÔMENO *BULLYING*

Ao relatar sobre as formas do *bullying*, Silva (2015) expõe que esse tipo de violência tende a ocorrer de maneira direta ou indireta; destaca-se que quase raro, a vítima recebe um único tipo de agressão, normalmente, esses comportamentos agressivos virão em conjunto e pode ser executado de diversas maneiras em uma única pessoa; estes atos costumam contribuir não apenas para a exclusão social da vítima, ocorrem também muitos casos de evasão escolar; e pode se expressar das mais variadas formas: verbal, físico e material, psicológico e moral, sexual, como também virtual, descrito como *Cyberbully*.

O *bullying* é nomeado como um fenômeno social e têm-se atrelado a fatores políticos, econômicos e culturais, não sendo possível separá-lo do contexto social, urbano, relacional e familiar, aspectos estes, onde as crianças e adolescentes se desenvolvem enquanto ser social (ZEQUINÃO *et al.*, 2016). Assim sendo, esse fator não pode ser compreendido fora da dinâmica da sociedade, logo, ressalta que esse tipo de violência apesar de identificada muitas vezes no ambiente escolar, não se restringe aos muros da escola (ZEQUINÃO *et al.*, 2016).

Silva *et al.* (2021) colaboram ao trazer que este tipo de violência costuma ocorrer em processos interacionais dinâmicos, com grande possibilidade de envolver os indivíduos nas mais variadas formas, no qual, os envolvidos, podem assumir papéis diferenciados, sendo agressores, vítimas, vítimas/agressores ou testemunhas, e ao mencionar sobre a função que o agressor costuma estabelecer, é de um indivíduo que

pratica a violência, normalmente, contra outros sujeitos, supostamente, vistos como mais fracos.

De acordo com os estudos de Zequinão *et al.* (2016) esse fenômeno ocorre principalmente de três maneiras, sendo estas as agressões físicas diretas, agressões verbais diretas, e agressões indiretas; leva-se em consideração novos relatos na literatura, o qual englobam outros tipos de *bullying* como a agressão sexual, a extorsão, práticas onde exigem-se dinheiro e/ou bens através de ameaças, e ainda o *Cyberbully*, descrito pela vitimização ocorrida em espaços virtuais.

As vítimas normalmente constituem o público dos alunos mais novos, quando relacionado ao ambiente escolar, costumam ter poucos amigos, são retraídos, muitas vezes infelizes e poucos sociáveis, inseguros e vivenciam sofrimentos decorrente de vergonha, medo, depressão, ansiedade e dificuldade em se adequar a grupos e dentre outras características (ZEQUINÃO *et al.*, 2016).

Ainda nas visões de Zequinão *et al.* (2016) os agressores tendem a possuir maior idade, mais prática de exercício físico, normalmente, uma boa parte pode fazer consumo de drogas, tabaco e álcool; apresentam mais extroversão e segurança, ausência de sentimentos de medo, não apresentam culpa, tendência a ter pior relação com os pais e vivências de violências no ambiente familiar, muitas vezes apresentam-se hiperativos e com dificuldades de atenção.

Do ponto de vista de Silva e Borges (2018) consideram-se o *bullying* como um problema que tem se originado nas instituições escolares, porém, ressaltam-se que este tem grande relação com a violência ocorrida dentro do ambiente familiar, no qual a criança muitas vezes, presencia e pode também ser vítima desta violência. Assim, essa vertente está ligada a alunos da rede pública e privada, onde a fragilidade notável de alguns estudantes é vista como fator impulsor para agressão de outros, seja ela física ou verbal (SILVA; BORGES, 2018).

Tendo em vista os escritos de Zequinão *et al.* (2016) o *bullying* apresenta-se sendo um fator de extrema complexidade e que necessita de investigações e análises bastante aprofundadas, assim, será possível compreender e identificar suas diversas facetas; se faz necessário ainda, conhecer os papéis de participação, os tipos de agressões mais prevalentes e os locais mais utilizados para a prática dessas atitudes violentas, visto que essas informações costumam serem indispensáveis quando se tenta buscar alternativas de redução para tais comportamentos.

2.3 VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR E *BULLYING*

Nota-se que são diversos os fatores que contribuem para que uma criança e/ou adolescente se torne praticante do *bullying*; alguns exemplos são o desejo em se sentir superior e temido pelos colegas, quando este ato ocorre no ambiente escolar; a inimizade, o gosto pela sensação de poder, a necessidade de ter os seus desejos atendidos e os maus tratos sofridos pela família (SILVA; BORGES, 2018).

Acerca dos estudos de Silva *et al.* (2021), é exposto que a prática desse tipo de violência tem se mostrado como tendo uma elevada associação com a disciplina parental de forma autoritária e punitiva, especialmente o castigo severo praticado em grande parte pela genitora. Pais têm utilizado da violência física, sendo esta, uma conduta na tentativa de inibir comportamentos inadequados do filho ou puni-lo, visto que este tipo de comportamento agressivo tem origem no modelo educativo familiar, porém, é a partir da agressividade e violência, muitas vezes utilizada por genitores como forma de punir seus filhos, que estes são influenciados a reproduzir tais comportamentos (SILVA *et al.*, 2021).

Enquanto Silva *et al.* (2021) abordam acerca da grande utilização do uso de castigo corporal por parte dos pais, a qual percebem esta atitude como forma de educá-los, contudo, dessa forma ensinam a seus filhos que estejam mais propensos a reproduzir alguma agressão, passando a agir intencionalmente e repetidamente frente a alguém visivelmente mais fraco, mais tímido ou mais novo.

Assim sendo, a violência intrafamiliar e o *bullying* têm constituído uma realidade vivenciada por muitos adolescentes, logo, ambas representam um importante problema de saúde pública; independentemente de onde venha a ocorrer a violência, na família e/ou na escola, esta poderá resultar em sérias complicações no desenvolvimento, saúde e capacidade de aprendizagem daqueles que vivenciam, seja de forma direta ou indireta (MOTA *et al.*, 2018).

Além do exposto, valida-se que o pouco ou nenhum comportamento de monitoramento por parte dos pais diante de seus filhos, mostra-se limítrofe ao associar o *bullying* quanto ao papel de agressor, ademais, outras análises demonstram que ser agressor se associou inversamente à supervisão familiar, assim, retrata que estudantes que possuíam pais com atitudes negligentes sofriram mais acerca desse fenômeno quanto aqueles com pais que utilizam de atitudes permissivas e democráticas (SILVA *et al.*, 2021).

2.4 CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS DO *BULLYING*

O *bullying* pode afetar todos os envolvidos, principalmente as vítimas que segundo Carpenter e Ferguson (2011), tendem a apresentar problemas em curto prazo, como por exemplo ansiedade e medo; e em longo prazo, sendo possivelmente casos de depressão, baixa autoestima e comprometimento do desenvolvimento escolar, como também, impactos direcionados para a relação familiar. Diante disso, as consequências decorrentes desse tipo de violência, podem ser físicas e/ou emocionais (CARPENTER; FERGUSON, 2011).

Diante dos indivíduos que sofrem de vitimização na infância e/ou adolescência, acerca dos impactos em curto prazo, estes tornam-se propensos a abandonar o ambiente escolar, apresentar dificuldades nas atividades escolares, como também, ficar doentes, inclui-se emocionalmente; indispostos e ter problemas com o sono (ZEQUINÃO *et al.*, 2016).

Em longo prazo, Zequinão *et al.* (2016) expõem que estes podem tornar-se indivíduos retraídos, sofrerem de bloqueios psicológicos, e de perturbações mentais na vida adulta, sendo assim, estão tendentes a apresentarem maior dificuldade em estabelecerem relacionamentos sociais, e ainda, baixa autoestima, além disso, há implicação mais preocupante, ao mencionar os impactos a longo prazo acerca desta vertente, no qual, estes tornam-se predispostos a praticarem o suicídio.

Vemos assim, que existem diversas consequências dessa vertente para os vitimados, entre as principais nota-se os problemas sociais, emocionais e psicológicos, no qual tendem a ser expressos pela adoção de determinados comportamentos, como exemplo disso, o abuso de álcool e outras drogas, há casos também de gravidez precoce e problemas de saúde mental como ansiedade, transtorno depressivo, comportamento agressivo e até a possível tentativa de suicídio, o que tende a elevar a gravidade da situação (BRASIL, 2008).

Frente a essas questões, Silva (2015) expõe que ao exercitar esta violência tende a agravar o problema preexistente, assim como poderá estar abrindo quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que diversas vezes, podem trazer prejuízos irreversíveis. Silva (2015, p. 17) relata ainda que ao decorrer da sua profissão e após realizar uma investigação acentuada a respeito do histórico de seus pacientes, pode notar que não são apenas as crianças e os adolescentes que

costumam sofrer com essa vertente; “muitos adultos ainda experimentam aflições intensas advindas de uma vida estudantil traumática”.

Sobre os problemas mais comuns resultante como consequências da prática do *bullying*, Silva (2015) discorre que se deparou de modo frequente em seu consultório, frente a seus pacientes, com sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social (timidez patológica), Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), depressão, anorexia e bulimia, Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT) e entre os quadros menos frequentes, a autora descreve como sendo, a esquizofrenia, o suicídio e o homicídio.

Já em estudos realizados por Antunes, Machado e Malta (2020), estes discorrem acerca da relação entre o sono e o *bullying*, onde apontam uma maior chance de insônia entre aqueles adolescentes que são vítimas. Assim, visualizam a dificuldade para dormir como um dos fatores desencadeantes ou consequentes desta violência, uma vez que a longo prazo, isso poderá prejudicar o estado emocional do adolescente deixando-o incapaz de lidar com as situações de estresse na família e ser um reflexo das experiências conturbadas vivenciadas no seu dia a dia, levando-o a reproduzir estas experiências em outras relações (ANTUNES; MACHADO; MALTA, 2020).

Nesta linha, nota-se que o *bullying* não é o único nem o maior problema enfrentado em sala de aula, este fenômeno faz parte de uma categoria comportamental prejudicial ao ciclo educacional, pelo fato de romper um percurso dinâmico de desenvolvimentos cognitivo e intelectual à medida que afasta os envolvidos das oportunidades de aprendizagem (BRASIL, 2019).

As consequências na aprendizagem decorrente dessa variável são diversas e ocorrem na medida em que há uma queda na concentração e dispersão em pensamentos de expectativas de um novo ataque, para aqueles que vivenciam desse fenômeno, buscam estratégias de defesa ou de vingança, seguido pelo desinteresse pelos estudos e queda no rendimento escolar, abandonar o cumprimento de deveres e funções, e evasão (BRASIL, 2019).

Piske *et al.* (2022) corroboram com o exposto anterior, no qual, ao mencionarem sobre a escola descreveram-na como sendo um ambiente onde ocorrem situações que comprometem o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, é na escola que crianças e adolescentes irão conviver com diferentes tipos

de sentimentos e emoções por meio das variadas relações interpessoais. Estas relações interpessoais manifestam-se com atitudes, ações, intenções que podem causar efeitos benéficos ou prejudiciais, e poderão ser percebidas como positivas ou negativas (PISKE *et al.*, 2022).

Ao levar em consideração que grande parcela de estudantes do contexto escolar pode ser vítima desse fenômeno, e ao serem vitimizados estes possuem grande chance em perder o desejo de frequentar a escola, o que impacta de forma negativa no seu desenvolvimento de aprendizagem (PISKE *et al.*, 2022).

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa de cunho descritivo, exploratório e pesquisa de campo com delineamento transversal, sendo este um método apropriado para levantar e avaliar variáveis que o pesquisador, baseado em hipóteses fundamentadas, acredita estarem associadas. Ainda que sem poder de estabelecer causa e efeito entre elas, um estudo transversal de associação levanta questões que permite a criação de hipóteses para estudos de corte que possam avaliar preditores e desfechos (HULLEY *et al.*, 2008).

3.1 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A amostra desta pesquisa foi composta por 17 alunos dos sexos feminino e masculino, com idades entre 13 e 18 anos, devidamente matriculados no oitavo ano de uma escola da rede pública de ensino fundamental, localizada numa cidade da região sisaleira na Bahia. A escolha da turma se deu pelo viés de que a pesquisadora articulou o público-alvo com adolescentes, visto que, desejou realizar a pesquisa com adolescentes a partir dos 13 anos de idade, assim se deu a escolha das turmas de oitavo ano A e B.

Os critérios de inclusão foram: frequentar a turma escolhida para a pesquisa; disponibilidade e interesse do aluno em participar da pesquisa e ter entregado o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelo responsável. E os critérios de exclusão: não está disposto(a) ou não ter disponibilidade para participar da pesquisa; seu responsável recusar-se a assinar o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A pesquisa foi dividida em dois encontros, sendo o primeiro para a apresentação dos objetivos da pesquisa para a gestão e em seguida para o público-alvo, onde foi promovido pela pesquisadora um momento de psicoeducação a respeito da temática *bullying*, juntamente com a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) sendo está uma versão atualizada para menores, para assinatura dos pais ou responsáveis (APÊNDICE A). Já o segundo encontro resultou na coleta de dados através da aplicação dos instrumentos, realizada na escola, em sala de aula, na presença da pesquisadora, após o recebimento do TCLE devidamente assinado.

A coleta de dados ocorreu no mês de abril de 2023, por meio da aplicação de dois questionários, na presença da pesquisadora, previamente treinada, que forneceu uma breve explicação sobre o preenchimento dos questionários e permaneceu na sala de aula durante todo o processo, que teve duração média de 60 minutos em cada turma, incluindo assim, a turma A e turma B. O primeiro levantou dados sociodemográficos (idade, sexo, raça/cor da pele, residência e classe do bairro que reside), neste sentido foi elaborado, pela pesquisadora, um questionário específico (APÊNDICE B).

À vista disso, no intuito de coletar dados sobre violência intrafamiliar e *bullying* um instrumento foi desenvolvido, também pela pesquisadora, utilizando critérios de escalas já validadas que avaliassem constructos próximos ao de interesse. O instrumento foi denominado de “Questionário de Violência Intrafamiliar e *Bullying*” (APÊNDICE C), composto por 11 (onze) itens que buscou avaliar a relação entre Violência Intrafamiliar e *Bullying* de forma objetiva, com cinco alternativas de respostas dispostas em uma escala do tipo Likert; foi necessário que os(as) alunos(as) participantes da pesquisa optassem por apenas uma dentre as cinco alternativas para responder cada item, marcando com apenas com um “X” a resposta que mais se adequasse com a sua realidade.

Os questionários foram respondidos de maneira anônima e os resultados apresentados garantiram anonimato dos participantes. A construção do questionário para a pesquisa foi realizada pela pesquisadora após leituras acerca das variáveis descritas neste estudo.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados obtidos foram tratados por meios de recursos da estatística e da informática utilizando o programa EXCEL, do Microsoft Office 365, versão 2304. As variáveis foram descritas em frequência absoluta e percentuais. A relação da violência intrafamiliar e do *bullying* escolar foram analisadas a partir do instrumento produzido.

3.4 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto maior foi analisado e aprovado pelo mediador da disciplina de TCC II e pelo orientador desta pesquisa, ambos docentes da FARESI – Faculdade da Região Sisaleira. Foi feito um levantamento sobre a importância e relevância do TCLE, sendo esta, uma versão atualizada para menores; além disso, acerca do sigilo e a preservação da identidade dos pesquisados. Cabe ressaltar ainda, o cuidado por parte da pesquisadora em evitar riscos para os participantes da pesquisa, onde em busca de combatê-los desenvolveu questionários objetivos, sendo este, um questionário mais fechado e breve, abrindo poucas margens, evitando gerar gatilhos para os pesquisados.

Os pais ou responsáveis pelos alunos que compõem as turmas selecionadas receberam o TCLE para autorizarem a participação dos filhos. Inicialmente este documento foi encaminhado para a gestão da escola com antecedência, e a coordenação realizou a distribuição entre os alunos que compõem as turmas selecionadas para a pesquisa. Cabe enfatizar acerca da Resolução de Nº 510, de 7 de abril de 2016 que destaca a ética como sendo de construção humana, portanto histórica, social e cultural; considerando assim, que a ética em pesquisa tende a implicar o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, portanto, cabe ao pesquisador agir eticamente (BRASIL, 2016).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola a qual foi realizada a pesquisa, localiza-se no interior do estado da Bahia, foi fundada no ano de 1997 e atende alunos, em sua maioria, da periferia do município (turno matutino) e da zona rural (turno vespertino).

Em relação à estrutura física, a escola é composta por refeitório, quadra esportiva, sala da coordenação, sala de professores, salas de aulas, sala da direção, secretaria, banheiros, área de convivência, cozinha, sala destinada para atendimento aos estudantes que apresentam dificuldade de aprendizagem, sala de vídeo e biblioteca. Conta com uma estrutura acessível, possuindo rampas de acesso, corrimões e banheiros adaptados. Foi observado ainda, que há muitas grades nos mais variados ambientes, como também, grades para proteger as câmeras de segurança.

A amostra foi composta por 17 estudantes do 8º ano (A e B), que entregaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por seus pais ou responsáveis. As principais características da amostra estão apresentadas na **Tabela 1**.

Tabela 1. Características sociodemográficas da população participante da pesquisa.

Características	N=17 (%)
Idade	
13 anos	13 (76,4)
14 anos	2 (11,8)
15 anos	1 (5,9)
18 anos	1 (5,9)
Sexo	
Masculino	2 (11,8)
Feminino	15 (88,2)
Moradia	
Com pai, mãe e irmãos;	5 (29,4)
Somente com pai e mãe;	1 (5,9)
Com a mãe e outros parentes;	3 (17,6)
Com o pai e outros parentes;	1 (5,9)
Somente com a mãe;	3 (17,6)
Somente com o pai e irmã;	1 (5,9)
Somente com o avô;	1 (5,9)
Somente com a madrasta e irmã;	1 (5,9)
Com mãe, padrasto e irmãos.	1 (5,9)
Bairro/Moradia	
Classe baixa	5 (29,4)

Classe média	12 (70,6)
Raça/cor da pele	
Branca	2 (11,8)
Parda	14 (82,3)
Não mencionado	1 (5,9)

Fonte: A autora. Pesquisa de campo, 2023.

A maioria dos participantes foram do sexo feminino (88,2%), com média de idade de 13 anos (76,4%), participantes com idade de 14 anos (11,8%), com idade de 15 anos (5,9%) e com idade de 18 anos (5,9%).

Ao serem questionados com quem residiam (moradia), a maioria respondeu conviver somente com o pai, mãe e irmãos (29,4%); com a mãe e outros parentes (17,6%); e, aqueles que responderam conviver somente com a mãe (17,6%).

Quanto a raça/cor de pele dos participantes, a maioria respondeu se identificar com cor de pele parda (82,3%), que se identificam com cor de pele branca (11,8%) e para cor de pele não mencionada (5,9%). Sobre a classe econômica do bairro/localidade em que residem, a maioria respondeu ser de bairro de classe média (70,6%) e bairro de classe baixa (29,4%).

Oliveira *et al.* (2018) afirmaram que os baixos *status* educacional e socioeconômico dos pais podem ser fatores relevantes, assim como as condições de trabalho, precariedade e baixa renda, indicaram um aumento da vulnerabilidade ao *bullying* e a vitimização; todavia, esses fatores, por muitas vezes, costumam coincidir com outros fatores de risco variável, tais como o estresse familiar, conflitos, interação pai-filho/mãe-filho e práticas parentais autoritárias, e estas devem ser considerados dentro de suas relações com estas outras variáveis, além daquelas que se referem às condições macroestruturais de vida e sociedade.

Antunes, Machado e Malta (2020) concordam com o escrito de Oliveira *et al.* (2018) ao mencionarem sobre a existência da predominância entre adolescentes do sexo masculino, mais jovens e de cor/raça preta cujas genitoras possuíam baixa ou nenhuma escolaridade entre as vítimas do *bullying*, externalizando assim, a influência do contexto social na violência contra o adolescente, porém, destaca-se que esta prevalência não se restringe somente a este público.

Quanto aos resultados coletados através do Questionário de Violência Intrafamiliar e *Bullying* (APÊNDICE C) durante o desdobramento da pesquisa de campo, estes estão apresentados em números absolutos e percentuais, na **Tabela 2**.

Tabela 2. *Números absolutos e percentuais dos resultados obtidos através do “Questionário de Violência Intrafamiliar e Bullying”.*

		Aconteceu 1 a 3 vezes no ÚLTIMO ANO	Aconteceu 1 vez POR SEMANA	Aconteceu Várias vezes POR SEMANA	Aconteceu TODOS OS DIAS
		N (%)	N (%)	N (%)	N (%)
1. Tenho a sensação de que meus pais me dão carinho.	2 (11,76)	3 (17,65)	1 (5,88)	3 (17,65)	8 (47,06)
2. Apanho dos meus pais com frequência.	13 (76,47)	4 (23,53)	-	-	-
3. Já fiquei agressivo(a) na escola.	9 (52,94)	2 (11,76)	4 (23,54)	2 (11,76)	-
4. Me sinto protegido(a) pela minha família.	1 (5,88)	1 (5,88)	1 (5,88)	-	14 (82,36)
5. Me comporto dando socos, pontapés ou empurrões em meus colegas.	12 (70,6)	2 (11,76)	2 (11,76)	1 (5,88)	-
6. Apanhar dos meus pais me deixa violento(a) na escola.	17 (100)	-	-	-	-
7. Já realizei ameaças no ambiente escolar.	13 (76,47)	2 (11,77)	1 (5,88)	-	1 (5,88)
8. Fico irritado(a) com meus colegas após ser ofendido(a) em casa.	12 (70,59)	3 (17,65)	1 (5,88)	1 (5,88)	-
9. Apanhar em casa me deixa com raiva.	11 (64,71)	4 (23,53)	1 (5,88)	1 (5,88)	-
10. Coloco apelidos ofensivos em meus colegas.	11 (64,71)	3 (17,65)	2 (11,76)	1 (5,88)	-
11. Já descontei a minha raiva em meus colegas.	10 (58,82)	5 (29,42)	-	2 (11,76)	-

Fonte: A autora. Pesquisa de campo, 2023.

Para melhor compreender os resultados apresentados na **Tabela 2**, diante da relação entre a violência intrafamiliar e o *bullying* escolar, foi definido fazer um agrupamento das questões em quatro categorias: a) sentimentos de proteção familiar; b) violência intrafamiliar; c) *bullying* verbal direto; e, d) *bullying* físico direto.

Tabela 3. Dados sobre Sentimentos de proteção familiar coletados através do Questionário de Violência Intrafamiliar e Bullying.

	Não Aconteceu NENHUMA VEZ N (%)	Aconteceu 1 a 3 vezes no ÚLTIMO ANO N (%)	Aconteceu 1 vez POR SEMANA N (%)	Aconteceu Várias vezes POR SEMANA N (%)	Aconteceu TODOS OS DIAS N (%)
Sentimentos de proteção familiar					
1. Tenho a sensação de que meus pais me dão carinho.	2 (11,8)	3 (17,7)	1 (5,9)	3 (17,7)	8 (47,1)
4. Me sinto protegido(a) pela minha família.	1 (5,9)	1 (5,9)	1 (5,9)	-	14 (82,4)

Fonte: A autora. Pesquisa de campo, 2023.

Nesta categoria acerca dos **sentimentos de proteção familiar**, engloba-se os itens “*tenho a sensação de que meus pais me dão carinho*”; e, “*me sinto protegido(a) pela minha família*”. Os resultados mostraram que tanto no primeiro quanto no segundo item, a maioria dos alunos responderam que recebiam carinho (47,1%) e se sentiam protegidos (82,4%) todos os dias. Apenas 11,8% e 5,9%, respectivamente, responderam que não recebiam carinho ou eram protegidos pelos familiares.

Neste sentido, Bronfenbrenner (2011), retrata que no âmbito doméstico, na família, muitas vezes, os pais não são eficazes no cuidado com os filhos e isto efetua-se não somente por negligência, mas porque as questões ecológicas se sobrepõem e não permitem maior carinho, proximidade e envolvimento por parte destes pais.

Esteves e Ribeiro (2016) retificam com o que foi apresentado anteriormente, ao apontarem que apesar das diferenças políticas, religiosas e ideológicas nas comunidades, parte relevante da literatura e da sociedade compreende a família como todo e qualquer tipo de relação proximal estabelecida nos primeiros vínculos que a pessoa fará ao longo da vida. Em suma, ao nos depararmos com crianças e adolescentes dentro das relações familiares, sabemos que é importante para estes as

interações, os vínculos afetivos, os cuidados e os estímulos. E como parte dos resultados da presente pesquisa, notou-se também um alto índice de proteção e baixo índice de violência.

Esteves e Ribeiro (2016) complementam ainda que ao retratar os vínculos familiares promovidos, necessitam ser constantemente fortalecidos, visto que a qualidade desse processo é que vai garantir as futuras habilidades sociais e cognitivas, e também possibilitar o interesse da criança e/ou adolescente por novos conhecimentos; quando esses vínculos são fragilizados, ao estarem em ambientes conflitivos e com ausências de sentimentos, os impactos serão de forma direta para o público aqui analisado.

Neste sentido, pode-se afirmar que os vínculos afetivos influenciam fortemente no aprendizado, destacando assim a importância da presença e disponibilidade que os pais/família ofertam em todo o processo de educação dos filhos, contribuindo de forma positiva no aprendizado que terão no ambiente formal escolar e na forma como se comportarão frente ao público (ESTEVES; RIBEIRO, 2016).

Logo, através dos resultados expostos nesta categoria, ao analisar o número de respostas para *“aconteceu todos os dias”*, não se mostra uma ausência de sentimentos de proteção e afeto por parte das famílias para com seus filhos.

Ao ser analisado os itens *“tenho a sensação de que meus pais me dão carinho”* e *“me sinto protegido(a) pela minha família”* quanto as respostas para *“não aconteceu nenhuma vez”*, foi encontrado que 11 alunos (64,7%) não convivem com a presença de ambos os seus genitores, como retratado na **Tabela 1** sobre os *dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa*, visto que houve descrições para convivência *“com mãe e outros parentes”*; *“com o pai e outros parentes”*; *“somente com a mãe”*; *“somente com o pai e irmã”*; *“somente com o avô”*; *“somente com a madrasta e irmã”*; e, *“com mãe, padrasto e irmãos”*. Logo, requer o pesquisador analisar melhor os termos que compõem os itens da pesquisa, para evitar possíveis impactos, levando em consideração que o item *“sensação de carinho”* pode ter contribuído para uma interpretação errônea por parte dos alunos o que contribuiu para que as respostas retratassem uma não ausência de sentimentos de proteção familiar.

Tabela 4. *Categorização dos dados sobre a violência intrafamiliar coletadas através do Questionário de Violência Intrafamiliar e Bullying.*

	Não Aconteceu NENHUMA VEZ N (%)	Aconteceu 1 a 3 vezes no ÚLTIMO ANO N (%)	Aconteceu 1 vez POR SEMANA N (%)	Aconteceu Várias vezes POR SEMANA N (%)	Aconteceu TODOS OS DIAS N (%)
Violência intrafamiliar					
2. Apanho dos meus pais com frequência.	13 (76,5)	4 (23,5)	-	-	-
9. Apanhar em casa me deixa com raiva.	11 (64,7)	4 (23,5)	1 (5,9)	1 (5,9)	-
6. Apanhar dos meus pais me deixa violento(a) na escola.	17 (100,0)	-	-	-	-

Fonte: A autora. Pesquisa de campo, 2023.

Acerca desta categoria, a qual engloba a **violência intrafamiliar**, a prevalência para os itens “*apanho dos meus pais com frequência*”, e, “*apanhar em casa me deixa com raiva*” foi de 23,5% respectivamente, para *ocorrência de 1 a 3 vezes no último ano*; enquanto para a questão “*apanhar dos meus pais me deixa violento(a) na escola*”, não demonstrou nenhuma ocorrência; todavia, apesar desse fator não ser detectado, o item “*apanhar em casa me deixa com raiva*” apresenta grande prevalência, quando analisado a *ocorrência de 1 a 3 vezes no último ano* 23,5%; *aconteceu 1 vez por semana* 5,9% e *aconteceu várias vezes por semana* 5,9%, o que demonstra que o apanhar em casa pode gerar reações aversivas no adolescente.

Oliveira *et al.* (2018) corroboram com os achados quando mostram que as experiências dos estudantes em situações de *bullying*, especificamente o escolar, são multifacetadas e possuem fortes relações com o contexto familiar. Externalizam que a organização familiar e a forma como os membros deste grupo se relacionam em termos de comportamentos, sentimentos e afetos, visto a problemática de que muito se utiliza da violência no contexto da família, como forma punitiva, estes fatores poderão oferecer ou não oportunidades para a construção de habilidades e respostas sociais, que diminuem a vulnerabilidade em relação ao fenômeno descrito aqui como *bullying* (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Antunes, Machado e Malta (2020) reforçam esta vertente, no qual, ao abordar os fatores familiares com relação a prática do *bullying*, retratam diante de seus estudos que a violência vivenciada por adolescentes no ambiente familiar, tende a oportunizar maior envolvimento do escolar em atos de violência na escola, seja como vítimas ou agressores.

Ao analisar os dados apresentados na **Tabela 4**, percebe-se que há uma contradição ao relacionar com os dados das **Tabelas 5 e 6** já que 100% dos participantes ao responderem acerca do item “*apanhar dos meus pais me deixa violento(a) na escola*” destacaram uma não ocorrência. Porém, nos resultados da **Tabela 5** em foco ao item “*fico irritado(a) com meus colegas após ser ofendido(a) em casa*”, mostrou 17,7% de respostas para *ocorrência de 1 a 3 vezes no último ano*; 5,9% para *aconteceu 1 vez por semana*; e, 5,9% para *ocorreu várias vezes por semana*. E quanto ao *bullying* físico **Tabela 6** a questão “*já fiquei agressivo(a) na escola*” mostrou 23,5% para *aconteceu 1 vez por semana*; 11,8% para *ocorreu várias vezes por semana*. Para o item “*me comporto dando socos, pontapés ou empurrões em meus colegas*”, retratou 11,8% para *aconteceu de 1 a 3 vezes no último ano*; 11,8% para *ocorreu 1 vez por semana*; e, 5,9% para *aconteceu várias vezes por semana*.

Tabela 5. Categorização acerca dos dados sobre o bullying verbal direto coletados através do Questionário de Violência Intrafamiliar e Bullying.

	Não Aconteceu NENHUMA VEZ N (%)	Aconteceu 1 a 3 vezes no ÚLTIMO ANO N (%)	Aconteceu 1 vez POR SEMANA N (%)	Aconteceu Várias vezes POR SEMANA N (%)	Aconteceu TODOS OS DIAS N (%)
Bullying verbal direto					
7. Já realizei ameaças no ambiente escolar.	13 (76,5)	2 (11,8)	1 (5,9)	-	1 (5,9)
8. Fico irritado(a) com meus colegas após ser ofendido(a) em casa.	12 (70,6)	3 (17,7)	1 (5,9)	1 (5,9)	-
10. Coloco apelidos ofensivos em meus colegas.	11 (64,7)	3 (17,7)	2 (11,8)	1 (5,9)	-

Fonte: A autora. Pesquisa de campo, 2023.

Ao abordar esta categoria a qual inclui o **bullying verbal direto**, destacou-se os itens “*já realizei ameaças no ambiente escolar*” para a *ocorrência de 1 a 3 vezes no último ano* 11,8%; para *aconteceu 1 vez por semana* 5,9% e para *ocorrência todos os dias* 5,9%; quanto ao item “*fico irritado(a) com meus colegas após ser ofendido(a) em casa*” para *ocorrência de 1 a 3 vezes no último ano* 17,7%; para *aconteceu 1 vez por semana* 5,9%; para *ocorreu várias vezes por semana* 5,9%; e, quanto ao item “*coloco apelidos ofensivos em meus colegas*” foi detectado para a *ocorrência de 1 a*

3 vezes no último ano 17,7%, para aconteceu 1 vez por semana 11,8% e para ocorreu várias vezes por semana 5,9%.

Diante do que foi retratado, o Manual de Orientações sobre *Bullying*, discorre que o *bullying* verbal direto engloba o ato de realizar insultos, apelidos pejorativos que ressaltam defeitos ou deficiências e atitudes de discriminação (BRASIL, 2019).

Tendo como sabe os resultados encontrados, Oliveira *et al.* (2018) constataram que os aspectos do microssistema tendem a ser os mais expressivos e associados ao fenômeno *bullying*; nessa dimensão, verificou-se ainda, que o envolvimento positivo na família é traduzido pela supervisão parental, estabelecimento de regras, acompanhamento, comunicação positiva e não violenta, fatores que podem ser compreendidos como de proteção em relação à violência entre pares nas escolas.

Em vista disso, Barros e Rocha (2022) pontuam que o âmbito familiar, assim como qualquer outro ambiente onde há a convivência de indivíduos que exercem diferentes crenças e propósitos, estar suscetível a conflitos tanto conjugais como intrafamiliares; todavia, há situações conflitantes que tomam um rumo elevado e não terminam em um consenso, fornecendo agressões de todos os tipos, como verbais, físicas, morais e econômicas, e aos filhos presenciarem tais comportamentos dos seus genitores, tendem a reproduzirem tanto nos aspectos positivos quanto nos negativos.

Tabela 6. Categorização diante dos dados sobre o *bullying* físico direto coletados através Questionário de Violência Intrafamiliar e *Bullying*.

	Não Aconteceu NENHUMA VEZ N (%)	Aconteceu 1 a 3 vezes no ÚLTIMO ANO N (%)	Aconteceu 1 vez POR SEMANA N (%)	Aconteceu Várias vezes POR SEMANA N (%)	Aconteceu TODOS OS DIAS N (%)
Bullying físico direto					
3. Já fiquei agressivo(a) na escola.	9 (52,9)	2 (11,8)	4 (23,5)	2 (11,8)	-
11. Já descontei a minha raiva em meus colegas.	10 (58,8)	5 (29,4)	-	2 (11,8)	-
5. Me comporto dando socos, pontapés ou empurrões em meus colegas.	12 (70,6)	2 (11,8)	2 (11,8)	1 (5,9)	-

Fonte: A autora. Pesquisa de campo, 2023.

A tabela acima representa o agrupamento em que se encontra o ***bullying* físico direto**, para as questões “já fiquei agressivo(a) na escola” quanto a ocorrência

de 1 a 3 vezes no último ano 11,8%; para aconteceu 1 vez por semana 23,5% e, aconteceu várias vezes por semana 11,8%; enquanto para o item “já descontei a minha raiva em meus colegas” para a ocorrência de 1 a 3 vezes no último ano 29,4%; e, aconteceu várias vezes por semana 11,8%; e, quanto a questão “me comporto dando socos, pontapés ou empurrões em meus colegas”, a qual mostra-se os resultados para ocorrência de 1 a 3 vezes no último ano 11,8%; para aconteceu 1 vez por semana 11,8% e, aconteceu várias vezes por semana 5,9%.

O Manual de Orientações sobre *Bullying*, apresenta que o *bullying* físico direto consiste no ato de agredir, apertar, bater, beliscar, chutar, cuspir, morder, empurrar, ferir, roubar e quebrar pertences (BRASIL, 2019).

Oliveira *et al.* (2018), descreveram que quando crianças e adolescentes são expostos à violência no ambiente familiar, estes internalizam a experiência de um mundo pouco seguro, em que um dos papéis sociais a serem desempenhados é o de agressor, sendo esta, uma cópia de experiências vivenciadas; logo, aqui o *bullying* pode ser entendido como respostas, que por muitas vezes, traduz um padrão global de interações negativas na família.

Silva *et al.* (2021), corroboram com Oliveira *et al.* (2018) quando mostram que no Brasil a maioria dos agressores sofrem de algum tipo de violência decorrente do âmbito familiar. Assim, é notório a forte validação de que o comportamento daquele que pratica do *bullying* está adaptado por parte das interações e experiências de violência vivenciadas ao longo de sua vida (SILVA *et al.*, 2021).

Após analisar os dados da **Tabela 6**, observou-se uma contradição com relação aos resultados sobre violência intrafamiliar **Tabela 4**, a qual retrata 17 (100%) respostas para “violência não afeta na escola”. Ao relacionar esses dados da **Tabela 6** com o dado da **Tabela 4** “violência intrafamiliar”, visto a não ocorrência para o item “apanhar dos meus pais me deixa violento(a) na escola”, pode-se afirmar que a violência na escola está acontecendo paulatinamente. Sendo assim, os alunos não foram realistas ao responderem que esta violência não afeta na escola, já que, ao analisarmos os dados neste agrupamento, como descrito acima, há ocorrência desta violência no ambiente escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão formulada neste estudo pode ser respondida pelos resultados obtidos através das pesquisas de literaturas aqui levantadas e da pesquisa de campo, visto que quando a criança e/ou adolescente é submetido a situações de violência no ambiente da família, este tende a reproduzir desta violência em suas relações e convívios sociais.

Observou-se que para evitar os diversos conflitos que podem suceder no contexto educacional, necessita-se que as escolas fiquem em alerta em relação aos comportamentos dos estudantes e busquem proporcionar, de modo geral, um ambiente em que todos possam viver em harmonia e entendimento, respeitando as diversidades e dialogando sempre que possível sobre formas de como propagar o bem-estar de todos os envolvidos durante o processo de ensino-aprendizagem. É preciso haver debates/diálogos sobre a violência na escola e a prática de *bullying* deve sempre ser colocado em pauta.

Destarte, as estratégias de prevenção e combate a este tipo de violência, aqui analisada, deve envolver toda a equipe escolar, sendo alunos, profissionais de educação e da saúde, e ainda pais e/ou responsáveis. Tendo em vista que esta prática na escola pode ser consequência da violência sofrida por pares, por familiares e/ou no domicílio, as medidas pertinentes junto aos alunos agressores não podem ser somente punitivas, devem envolver apoio e escuta especializada para que possam lidar com seus sentimentos diante da violência sofrida e refletir acerca dos motivos que os levaram a realizar tais atos.

Ao desenvolver debates, é preciso priorizar a conscientização dos adolescentes agressores quanto às consequências desses comportamentos nas suas vidas e nas dos que são vitimizados, como o desenvolvimento de doenças psicossomáticas e problemas sociais, emocionais e educacionais. Esta conscientização sobre a violência é de fundamental importância, visto que buscará mostrar para as crianças e adolescentes, além dos impactos prejudiciais da violência escolar e do *bullying*, acerca dos benefícios das escolas sem violência. Foco em realizar ações educativas, visando à prevenção e intervenção acerca da Intimidação Sistemática no ambiente escolar.

Cabe salientar, acerca da inserção dos(as) Psicólogos(as) nas escolas, o que é uma grande conquista, e diante da problemática aqui estudada, este(a) poderá contribuir para que se tenha um ambiente mais saudável, visto que umas das ferramentas deste profissional é a realização de psicoeducação, sensibilização e

escuta especializada. Os alunos passarão a lidar melhor diante de seus sentimentos e emoções; estes poderão administrar melhor as suas vivências traumáticas e não como reprodutores de violência.

Em síntese, a escola é um espaço privilegiado para construção coletiva de saberes e relações fundamentais para socialização e formação de singularidades. É no espaço da escola que irão emergir claramente as diferenças individuais e culturais e, por isso, ressalta-se a importância de orientar as demandas do cotidiano escolar, relacionadas a saúde mental e resolução de conflitos, de forma didática e significativa para os profissionais da educação.

Como limitações do estudo pode-se destacar: a) os resultados encontrados através da escala foram contra o que se encontra na literatura pesquisada, uma explicação para não encontrar resultados negativos dessa associação, tais como deste estudo, é a seleção que os periódicos científicos fazem a respeito de associações positivas entre um evento e seu desfecho; b) muitos pais/responsáveis recusaram-se a assinar o TCLE que permitia o livre acesso dos estudantes a participarem da pesquisa, por estes serem menor de idade; c) a impossibilidade diante dos dados da pesquisa de campo, para distinguir e comparar os resultados entre meninos e meninas, visto que o número de meninos participantes foi baixo, tendo apenas dois meninos para quinze meninas. Destaca ainda, 47 alunos que compõem as turmas selecionadas (8º ano A e B), não participantes da pesquisa, a qual seus pais/responsáveis recusaram-se a assinar o TCLE.

Cabe enfatizar, que o *bullying* é um grande gerador de evasão escolar, engloba tanto a vítima quanto o agressor, visto que muitas vezes, este será expulso da escola ao praticar violência, quando em relação ao agressor, ou ainda, a perda de interesse por estudar, assim sendo, torna-se um impasse para o pesquisador, onde há uma impossibilidade, em grande maioria, em abordar vítimas e agressores de *bullying* escolar ou ainda, em detectar causas antecedentes desta violência.

Por conseguinte, os achados através da pesquisadora, foram em parte, contra o que a literatura mostra, todavia, não se deve descartar a associação entre estes dois eventos; em suma, a partir desta pesquisa, abre-se caminhos para o desenvolvimento de novas, acerca da temática *bullying*. Que novos estudos busquem avaliar este fenômeno atrelado às causas antecedentes, visto que esta não é uma problemática avulsa, tanto a criança quanto o adolescente, em grande maioria, ao tornarem violentos, estão reproduzindo violências vivenciadas anteriormente, seja de forma

direta ou indireta. Ao levar em consideração que o *bullying* é forte gerador de evasão escolar, nota-se a necessidade de novas estratégias de pesquisas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES J. T., MACHADO I. E., MALTA D. C. Fatores de risco e proteção relacionados à violência intrafamiliar contra os adolescentes brasileiros. **REV. BRAS EPIDEMIOL**, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/9PFDPmtFtC9rc3kHsZPgYdh/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

BARROS, D. J. L.; ROCHA, R. S. Influência do contexto familiar na vida escolar de alunos adolescentes do ensino fundamental. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, 15 de mar., 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/9/influencia-do-contexto-familiar-na-vida-escolar-de-alunos-adolescentes-do-ensino-fundamental>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

BRASIL. **Lei 13.185**, de 6 de novembro de 2015. Dispõe sobre o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 9 de nov., 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 510**, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 de mai., 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar**: orientações para prática em serviço. Cadernos de Atenção Básica, n. 8, Brasília, DF, 2002. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Monitoramento e Avaliação da Gestão do SUS. **Temático prevenção de violência e cultura de paz III**. Brasília, DF: Organização Pan-Americana de Saúde, 2008. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/painel_indicadores_sus_prevencao_violencia.pdf. Acesso em: 03 de março de 2022.

BRASIL. Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul. **Manual: Orientações sobre Bullying**. 2. ed. Campo Grande, MS, 2019. Disponível em: <https://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2021/08/Manual-Bullying.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

BRINO, R. F.; SOUZA, M. A. O. Concepções sobre Violência Intrafamiliar na Área Educacional. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1251-1273, out./dez., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/nBfxYPrpFckLpGVMrbSLLCn/?lang=pt>. Acesso em: 03 de março de 2022.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/946/94632386016.pdf>. Acesso em: 03 de março de 2022.

CARPENTER, D.; FERGUSON, C. J. **Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies**. São Paulo: Butterfly, 2011.

ESTEVES, L. P.; RIBEIRO, S. A IMPORTÂNCIA DOS VÍNCULOS AFETIVOS E DA INTERAÇÃO FAMILIAR PARA A FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM ESCOLAR DAS CRIANÇAS. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, p. 206-214, dez., 2016. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/879>. Acesso em: 03 de março de 2023.

HULLEY, S. B.; CUMMINGS, S. R.; BROWNER, W. S.; GRADY, D. G.; NEWMAN, T. B. **Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica**. Porto Alegre: Artmed, 2008. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3144051/mod_resource/content/1/Delineando o%20a%20pesquisa%20clinica%20%20uma%20abordagem%20epidemiol%C3%B9gica%20-%20staphen%20b.%20hulley%2C%20steven%20r.%20cumplings-2.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3144051/mod_resource/content/1/Delineando%20a%20pesquisa%20clinica%20%20uma%20abordagem%20epidemiol%C3%B9gica%20-%20staphen%20b.%20hulley%2C%20steven%20r.%20cumplings-2.pdf). Acesso em: 12 de janeiro de 2023.

LIKERT, R. A technique for the measurement of attitudes. **Archives of Psychology, United States**, v. 22, n. 140, p. 1-55, 1932. Disponível em: https://legacy.voteview.com/pdf/Likert_1932.pdf. Acesso em: 12 de janeiro de 2023.

MACHADO, J. C.; RODRIGUES, V. P.; VILELA, A. B. A.; SIMÕES, A. V.; MORAIS, R. L. G. L.; ROCHA, E. N. Violência intrafamiliar e as estratégias de atuação da equipe de Saúde da Família. **Saúde Soc.**, São Paulo, v.23, n.3, p. 828-840, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/QJspb6DwvFvzK5KdTy5k43k/?lang=pt>. Acesso em: 07 de abril de 2022.

MOTA, R. S.; GOMES, N. P.; CARNEIRO, J. B.; SANTOS, R. M.; CAMPOS, L. M.; GUSMÃO, M. E. N.; CAMARGO, C. L.; LIMA, C. C. O. J. Associação entre violência intrafamiliar e *bullying* em adolescentes escolares. **REME Rev. Min. Enferm.**, p. 1-7, 2018. Disponível em: <https://reme.org.br/artigo/detalhes/1281>. Acesso em: 07 de abril de 2022.

OLIVEIRA, W. A.; SILVA, J. L.; ALVES, R. Q.; SANTOS, C. B.; FERRIANI, M. G. C.; SANTOS, M. A.; IOSSI SILVA, M. A. Revisão sistemática sobre bullying e família: uma análise a partir dos sistemas bioecológicos. **Revista de Salud Pública**, vol. 20, n. 3, mai./jun., 2018. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rsap/2018.v20n3/396-403>. Acesso em: 07 de abril de 2022.

PISKE, F. H. R.; PEREIRA, B. O.; COLLINS, K. H.; AMORIM, C. A. A. BULLYING. IMPACTOS NA EDUCAÇÃO: o que sabemos a respeito da sobredotação? **Série Pessoas e Contextos: psicologia, ciências da educação e serviço social**. 1. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/80552/1/Bullying%20e%20os%20impactos%20na%20educacao.pdf>. Acesso em: 12 de março de 2023.

RAMOS, M. L. C. O.; SILVA, A. L. Estudo sobre a violência doméstica contra a criança em unidades básicas de saúde do município de São Paulo – Brasil. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 136-146, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nYZkmKccHpWMjCkNHWrp7JB/?lang=pt>. Acesso em: 07 de abril de 2022.

REICHENHEIM, M. E.; SOUZA, E. R.; MORAIS, C. L.; JORGE, M. H. P. M.; SILVA, C. M. F. P.; MINAYO, M. C. S. Violência e lesões no Brasil: efeitos, avanços alcançados e desafios futuros. **Revista Série: Saúde no Brasil**, p. 75-89, 2011. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/artigo_saude_brasil_5.pdf. Acesso em: 07 de abril de 2022.

RODRIGUES, T. D. F. F.; OLIVEIRA, G. S.; SANTOS, J. A. As Pesquisas Qualitativas e Quantitativas na Educação. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/49>. Acesso em: 07 de abril de 2022.

SILVA, Ana. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2015. Disponível em: <https://doceru.com/doc/nsnv85x>. Acesso em: 12 de novembro de 2021.

SILVA, G. R. R.; Lima, M. L. C.; ACIOLI, R. M. L.; BARREIRA, A. K. A influência da violência familiar e entre pares na prática do *bullying* por adolescentes escolares. **Ciência & Saúde Coletiva**, Recife, p. 4933-4943, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/yyDS4xFjTVpz3szVmW4jzRD/>. Acesso em: 07 de abril de 2022.

SILVA, L. O.; BORGES, B. S. Bullying nas escolas. **Direito & Realidade**, v. 6, n. 5, p. 27-40, 2018. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/direito-realidade/article/view/1279>. Acesso em: 03 de março de 2023.

ZEQUINÃO, M. A.; MEDEIROS, P.; PEREIRA, B.; CARDOSO, F. L. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, jan./mar., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/tfsmpDFp9d73b75mLTPvVDR/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2023.

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Violência Intrafamiliar como um dos Precusores do *Bullying*.

Pesquisadora: Luana dos Santos Silva.

Orientador: Rafael Lima Bispo.

Coorientador: Alexandre Marcelo Hintz.

E-mail para dúvidas: tcc@faresi.edu.br

Prezado (a), os indivíduos menores de idade aqui referidos estão sendo convidados a participar desta pesquisa cuja finalidade é analisar causas antecedentes do *Bullying*. Esta pesquisa é de grande relevância, visto que a presente temática gera diversas implicações para a vida do indivíduo, seja a curto ou a longo prazo e por muitas vezes, podem se passar “despercebidas”. **Participação do presente estudo em média 64 alunos (inclui-se a turmas do 8º ano A e 8º ano B), de idades entre 13-18 anos;** ao participar deste estudo, o senhor (a), autorizará que o (a) pesquisador (a) tenha acesso às questões referentes à temática; além disso, o entrevistado tem autonomia, conforme decisão do responsável legal, de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que o entrevistado(a) quiser poderá pedir mais informações e tirar eventuais dúvidas sobre a pesquisa através do e-mail descrito neste documento. As entrevistas serão realizadas conforme a disponibilidade e autorização dos entrevistados e seus responsáveis legais. **Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Caso o entrevistado se sinta constrangido pode informar aos entrevistadores que não se sente confortável para responder tal pergunta; os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução de número: 510 de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. A entrevista não traz riscos à sua dignidade e valores. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa o entrevistado (a) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a temática a qual envolve pesquisar fatores relacionados a uma das possíveis causas do *Bullying*, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa trazer contribuições acerca do tema; o pesquisador se comprometerá a divulgar os resultados obtidos. Os senhores (as) não terão nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, preencha, por favor, os itens seguintes.

Obs.: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa, bem como autorizo a participação dos menores de idade sob minha responsabilidade legal. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Assinatura do Participante da Pesquisa (responsável legal)

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Assinatura do Orientador

APÊNDICE B: Questionário utilizado para obter os dados Sociodemográficos do Público Entrevistado

I. Idade _____ II. Sexo: _____

III. Raça/cor da pele: () branca () preta () amarela () parda () indígena

IV. Com quem reside (mora): _____

V. Bairro de classe: () alta () média () baixa

APÊNDICE C: Questionário utilizado para coletar informações acerca da Violência Intrafamiliar e do *Bullying*

INSTRUÇÕES: Utilize caneta hidrográfica para responder as questões abaixo; assinale com um X apenas uma das cinco alternativas de respostas; você não é obrigado(a) a responder nenhuma questão, porém, é importante que você responda a todas estas.

1	2	3	4	5
Não Aconteceu NENHUMA VEZ	Aconteceu 1 a 3 vezes no ÚLTIMO ANO	Aconteceu 1 vez POR SEMANA	Aconteceu Várias vezes POR SEMANA	Aconteceu TODOS OS DIAS

1. Tenho a sensação de que meus pais me dão carinho.	1	2	3	4	5
2. Apanho dos meus pais com frequência.	1	2	3	4	5
3. Já fiquei agressivo(a) na escola.	1	2	3	4	5
4. Me sinto protegido(a) pela minha família.	1	2	3	4	5
5. Me comporto dando socos, pontapés ou empurrões em meus colegas.	1	2	3	4	5
6. Apanhar dos meus pais me deixa violento(a) na escola.	1	2	3	4	5
7. Já realizei ameaças no ambiente escolar.	1	2	3	4	5
8. Fico irritado(a) com meus colegas após ser ofendido(a) em casa.	1	2	3	4	5
9. Apanhar em casa me deixa com raiva.	1	2	3	4	5
10. Coloco apelidos ofensivos em meus colegas.	1	2	3	4	5
11. Já descontei a minha raiva em meus colegas.	1	2	3	4	5